# ACERVO DIGITAL BAR OCIDENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM GESTÃO DE ACERVO

**Priscila Chagas Oliveira**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

**RESUMO**

Este relato de experiência busca apresentar um recorte teórico-metodológico da monografia da autora intitulada "Uma Esquina de Testemunhos, Um Projeto de Memórias: a musealização do patrimônio cultural do Bar Ocidente", apresentada em 2013 na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. A referida monografia trata da gestão de acervo realizada entre os anos de 2011 e 2012 nos testemunhos materiais do Bar Ocidente, o que levou à criação do Acervo Digital Bar Ocidente. Este relato introduz a trajetória do Bar Ocidente e sua relevância cultural. Também busca discutir os desafios lançados à gestão e à preservação do patrimônio digital recém-lançado na web.

**Palavras-Chave:** Bar Ocidente, Gestão de Acervo, Patrimônio Digital; Porto Alegre/RS

***ABSTRACT***

*This experience report intend to present a theoretical and methodological approach of the author's monograph entitled "A Corner of Testimonies, A Project of Memory: the musealization of the Bar Ocidente cultural heritage" presented in 2013 at the Faculty of Communication and Library Science at UFRGS. That monograph deals with the management of the collection performed between the years 2011 and 2012 on material evidences of Bar Ocidente which led to the creation of the Digital Archive Bar Ocidente. This report introduces the history of the Bar Ocidente and its cultural relevance. It also discusses the challenges posed to the management and preservation of the digital heritage newly launched in the web.*

***Keywords:*** *Bar Ocidente, Collection Management, Digital Heritage; Porto Alegre / RS*

[1] Bacharela em Museologia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação / Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS). Pesquisadora no GEMMUS - Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio da UFRGS. Atualmente é sócia na empresa Mosaico Museologia e Projetos Culturais Ltda. E-mail: priscila.oliveira@ufrgs.br.

## 1. Introdução

Este trabalho busca relatar a experiência em gestão de acervos realizada para a constituição do Acervo Digital Bar Ocidente[2]. Tal experiência ocorreu entre os anos de 2011 e 2012 a partir de dois projetos que a autora esteve envolvida, culminando na escolha do Acervo como objeto de estudo de sua monografia para a conclusão do curso de Museologia. Sob o título "Uma Esquina de Testemunhos, Um Projeto de Memórias: a musealização do patrimônio cultural do Bar Ocidente"[3] , tal trabalho foi orientado pelas professoras Ana Carolina Gelmini de Faria e Jeniffer Alves Cuty (DCI/FABICO/UFRGS) e apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS) no ano de 2013.

Assim, este trabalho busca apresentar, em formato de relato de experiência, um recorte específico da monografia já citada, visando à discussão sobre a gestão de acervo empregada nos testemunhos materiais do Bar Ocidente, sob o olhar da Museologia. Ao introduzir o tema e o objeto de estudo da referida pesquisa, buscaremos discutir os desafios e as perspectivas identificadas no processo de coleta, seleção, conservação, incorporação, pesquisa e comunicação do que se tornou o Acervo Digital Bar Ocidente, identificado como uma coleção visitável.

## 2. O Bar Ocidente

O Bar Ocidente é um bar localizado na Rua João Telles, esquina com a Avenida Oswaldo Aranha (Imagem 1), no centro do Bairro Bom Fim na cidade de Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil). Foi inaugurado em 3 de dezembro de 1980, momento de grande relevância sociocultural por tratar-se de cinco anos antes do fim da Ditadura Militar no Brasil.

Imagem 1 - Fotografia da esquina onde se encontra o Bar Ocidente. Vista da Av. Osvaldo Aranha na década de 1980. n. inventário 00910

Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2014.

[1] Para mais informações acesse: <www.acervodigitalbarocidente.com.br>

[2] OLIVEIRA, P.C. **Uma Esquina de Testemunhos, Um Projeto de Memórias: a musealização do patrimônio cultural do Bar Ocidente**. 2013. 78f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/88674>. Acesso em 04 abr. 2014.

Situado em um bairro boêmio e polo cultural de Porto Alegre, rodeado pelo Parque da Redenção, pelo Auditório Araújo Vianna e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Bar Ocidente é marco físico para diversos momentos de transformações políticas, sociais e culturais da Cidade. A esquina que habita também é conhecida como a nova "Esquina Maldita", elegida dessa forma pelos órfãos, estudantes e festeiros da primeira "Esquina Maldita":

> Um lugar de transgressão! Essa noção ligada ao Bar é herdeira do espírito que permeava o Bom Fim naqueles anos finais de Ditadura Militar. A famosa Esquina Maldita, situada na Avenida Oswaldo Aranha com a Rua Sarmento Leite, já era assim conhecida em função do comportamento dos frequentadores - em sua maioria estudantes - dos bares Alasca, Marius, Estudantil e Copa 70, que devido à proximidade com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul construíram um comportamento, um espaço de ação em uma sociedade sufocada, que não apresentava saídas[4].

Este espaço, desde os tempos de sua criação, se constitui lugar de encontro, debate e diversão de diversas tribos[5] que foram (e são) fundamentais nos movimentos de mudanças de pensamento e atitude. O Bar perdurou e hoje é considerado Patrimônio Cultural da cidade de Porto Alegre[6], justificativa para a criação do Acervo Digital Bar Ocidente.

## 3. Os projetos

A trajetória do Bar Ocidente deixou diferentes vestígios materiais que, se em um primeiro momento foram acumulados tendo como principal critério sua história, posteriormente foram percebidos como possíveis evocadores de memórias compartilhadas, intrinsecamente ligadas ao seu patrimônio imaterial.

Desse interesse em potencializar aqueles registros enquanto objeto-documento, bens culturais a serem socializados, que surgiu a iniciativa para criação do Acervo e, consequentemente, para a participação da autora na sua gestão. Essa iniciativa nasceu do Projeto intitulado "Ocidente: Memória Cultural de Porto Alegre" iniciado em 2011, pela "Alecrim Produções Culturais e Cinematográficas", que objetivava dar acesso aos testemunhos materiais do bar enquanto

[4] Idem, 2014, p.19.

[5] MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1998.

[6] Conforme notificação do Diário Oficial de Porto Alegre, de 07/05/2012: "O Secretário Municipal da Cultura, dando atendimento aos artigos 7º da Lei Complementar 601 de 23 de outubro de 2008, NOTIFICA os proprietários e possuidores do imóvel à Avenida Osvaldo Aranha número 960/966 esquina Rua General João Telles - "Bar Ocidente" - sobre a INCLUSÃO NO INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE BENS IMÓVEIS, conforme parecer do COMPAHC nº 02/12 de 16/01/2012 e homologação do Senhor Prefeito de 18/01/2012." PORTO ALEGRE, **Notificação do Diário Oficial**, Ano XVII, Edição 4254, 7 mai. 2012. p. 14.

patrimônio cultural, para que posteriormente fossem disponibilizados *online* no Acervo Digital Bar Ocidente.

Porém, foi através do Projeto de Extensão intitulado "Acessibilidade, Direitos Culturais e Preservação do Acervo do Bar Ocidente," coordenado pela Profa. Jeniffer Cuty (DCI/FABICO/UFRGS), que a autora iniciou as atividades de gestão nesse acervo, tornando-o objeto de sua pesquisa.

## 4. A Gestão de Acervos identificada

O tratamento museal dado à coleção do Bar Ocidente foi essencialmente de caráter interdisciplinar, sendo, dessa forma, reflexo do próprio campo da Museologia. A equipe de pesquisa *in loco* era composta por cinco técnicos, dentre os quais três eram estudantes de Museologia, um estudante de Biblioteconomia e um Produtor Cultural. A área da Antropologia trouxe alguns conceitos importantes para o tratamento descritivo e um olhar reflexivo quanto ao grupo social representante naquele acervo, tais como os de grupos urbanos, tribos urbanas, universos simbólicos, *ethos*, territórios de sociabilidade, entre outros[7]. Já a Arquivologia aproximou a equipe dos conceitos de patrimônio digital e de recursos digitais e inseriu todos nas discussões mais atuais referentes à sua gestão: descrição do acervo (definição dos instrumentos de gestão e dos padrões de dados para a interoperabilidade) e a descrição da informação digital (política de metadados, taxonomia, definição de plataformas para a gestão de dados)[8].

O início das atividades caracterizou-se por uma luta política dos campos disciplinares envolvidos que objetivavam decidir sob quais pressupostos teóricos a organização daquele acervo dar-se-ia. A Museologia, em função do maior número de pesquisadores da área, teve sucesso e, a partir daquele momento, as noções e metodologias da gestão de acervo, entendida "*como os métodos pelos quais as coleções são formadas, selecionadas, conservadas, documentadas, interpretadas, enfim, preservadas*"[9], foram o norte teórico-metodológico da equipe de pesquisa. Enquanto prática, componente da Museografia, a gestão de acervos viabiliza o processo de musealização, no momento em que identifica valores, transformando o objeto em documento, representante de um coletivo.

As etapas da gestão de acervo empregada foram identificadas conforme tabela abaixo:

[7] ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. **Revista Iluminuras**, Porto Alegre, v.2, n.4, 2001. p. 2-18. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/issue/view/769> Acesso em: 31 out. 2013.

[8] DODEBEI, Vera. Patrimônio e Memória Digital. **Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, ano 04, n. 08, 2006. p. 1-11. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm> Acesso em 25 mai. 2013.

[9] LADKIN, Nicola. Gestão do acervo. In: BOYLAN, PatrickJ.(ed.). **Como gerir um museu: manual prático**. França: ICOM, 2004. p. 17. Disponível em: <unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf.> Acesso em 6 Jun. 2012.

Tabela 1 - Etapas de Gestão do Acervo Digital Bar Ocidente

| Etapa | Período de Realização | Atividades Realizadas |
|---|---|---|
| **1** | Nov. à Dez. 2011 | Levantamento (identificação) superficial do acervo (tipologias, quantidade e estado de conservação); seleção do acervo a ser inventariado. |
| **2** | Dez. 2011 à Jan. 2012 | Criação das tipologias, categorias e subcategorias para documentação do acervo; criação do Inventário (em formato *Excel*) e do Manual de Preenchimento do Inventário; acondicionamento por tipologia; seleção do acervo a ser inventariado; pesquisa sobre documentação museológica e sobre a história do Bar Ocidente. |
| **3** | Fev. à Mar. 2012 | Consolidação das práticas de documentação museológicas iniciadas na etapa 2; constante atualização das categorias e subcategorias; seleção do acervo a ser inventariado. |
| **4** | Mar. à Mai. 2012 | Arrolamento da totalidade do acervo; descoberta de novas tipologias; atualização das categorias e subcategorias; seleção do acervo a ser inventariado; pesquisa sobre bases de dados digitais (Matriz Net), Museus Virtuais (Museu da Pessoa; The Virtual Museum of Iraq, Museu Virtual da Faculdade de Medicina da UFRJ, Adobe Museum of Digital Media). |
| **5** | Mai. à Out. 2012 | Contato com a empresa responsável pela digitalização; preparação do acervo para a digitalização; criação do fluxograma do acervo; entrevistas com *habitués* do Bar Ocidente; |
| **6 (realizada por empresa de *web design*)** | Mai. à Dez. 2012 | Criação da Base de Dados; adequação e transposição da catalogação via inventário para a base de dados; criação da ambiente virtual (identidade visual, layout, sítio) |

Fonte: adaptada de OLIVEIRA, 2013.

Essas etapas referem-se basicamente à conservação preventiva, à seleção, à incorporação (documentação) e à comunicação do acervo.

A **conservação preventiva** deu-se com a higienização, pequenos reparos e acondicionamento realizados no acervo físico. Esse material deveria ser organizado a fim de ser digitalizado para posteriormente, ser devolvido ao seu dono, o proprietário do Bar.

A **documentação** realizada foi adaptada ao tempo, à missão e aos objetivos do Projeto inicial da Produtora Alecrim. O objetivo principal era dar acesso *online* aos materiais colecionados pelo proprietário do Bar no formato de Acervo Digital Bar Ocidente. Assim, para a equipe de criação do ambiente virtual a intenção era de que esse material fosse representativo e atrativo visualmente e que, ao mesmo tempo, mantivesse sua integridade física e informacional.

A **seleção** do que viria a ser inventariado e consequentemente digitalizado, teve como critérios o estado de conservação do material e sua importância enquanto acervo representativo para a história e trajetória do Bar Ocidente. Este último critério é fundamentalmente baseado em análises subjetivas dos técnicos e por isso demandou pesquisas aprofundadas sobre o Bar. A seleção é atividade de destaque, pois ocorreu em todas as etapas. O prazo de um ano dos projetos levou à seleção constante do material, tornando-se um dos maiores desafios para a equipe de pesquisa, devido à importância de serem eles os que escolheriam o que iria compor o Acervo Digital Bar Ocidente.

A **incorporação** ocorreu através do Inventário (Imagem 2), construído em formato *Excel*. Após a seleção do material, ele era organizado por tipologia e então ocorria sua marcação. Essa numeração (contendo 5 dígitos em ordem crescente) identificava o objeto que era então catalogado no Inventário. Esse instrumento funcionava ao mesmo tempo como inventário e ficha de inventário adaptada.

A proposta de **classificação** foi construída no reconhecimento das temáticas do acervo e se mostrou dificultosa, pois não houve tempo hábil para a construção de um projeto elaborado de documentação museológica que previsse a criação de um vocabulário controlado e de uma classificação apurada. Sua normatização e consolidação demandou a criação do Manual de Preenchimento de Inventário (ou Ficha de Inventário). Os campos de preenchimento utilizados foram: **Nome/Título, Autor, Festa, Localização, Número de Inventário, Categoria, Subcategoria, Temas Primário e Secundário, Veículo de Publicação, Palavras-Chave, Local, Editora, Data, Página, Suporte, Dimensões, DJs, Produtora, Pontos de Venda, Descrição, Observação, Fotografia, Ilustração, Inventariado por, Data do Inventário, Objeto Relacionado e Fonte de Pesquisa**.

Imagem 2 - Recorte do Inventário com destaque para a categoria: Periódicos

A321 | Um Show pela Paz

| | Nome/Título | Autor | Categoria | Subcategoria | Nº de Inventár | Localização | Veículo de Publicação | Palavr |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 321 | Um Show pela Paz | Luiz Paulo Santos | Periódicos | Jornal | 01155 - A | pasta 6 | Rosa Tattooada; Justa Causa; Cascavell | |
| 322 | O Lúdico e a repressão | juremir machado d | Periódicos | Jornal | 01155 - B | pasta 6 | Zero Hora/Guia | Operação Oc |
| 323 | É muito grave o estado de Henry | Marco Aurélio Nun | Periódicos | Jornal | 01155 - C | pasta 6 | Zero Hora/Guia | Henry Eduar |
| 324 | Movimento Bom Fim-Pequim: "Mais uma | Marco Aurélio Nun | Periódicos | Jornal | 01155 - D | pasta 6 | Zero Hora/Guia | Movimento |
| 325 | Fiapo Barth responsabiliza gangue | Marco Aurélio Nun | Periódicos | Jornal | 01155 - E | pasta 6 | Zero Hora/Guia | Antonio Bart |
| 326 | Amigos de Henry viram os criminosos | Marco Aurélio Nun | Periódicos | Jornal | 01155 - F | pasta 6 | Zero Hora/Guia | vereador Ge |

Fonte: INVENTÁRIO, 2012.

A incorporação, a classificação e a catalogação ocorreram de forma inter-relacionada, tendo como seu principal eixo o Inventário e seu Manual de Preenchimento. Ao mesmo tempo em que o material era incorporado, eram identificadas as categorias e subcategorias que poderiam transformar esses materiais em fontes de informação recuperável, maximizando o acesso e a preservação dos itens[10]. Essa identificação ocorreu em função do significado de sua função, tendo como aporte teórico a proposta analítica de Mensch (1987)[11]. Conforme o processo de documentação se consolidava, o que era chamado de "tipologias de materiais" passou a ser reconhecida como categoria, levando em consideração que:

> [...] o objeto museológico sai do circuito material para o qual foi concebido, para ser índice de si mesmo, ou de sua categoria. As categorias de acervo, também chamadas de subdivisões tipológicas, podem atender a critérios diversos, sustentados pela escolha interpretativa do acervo pelo sistema de documentação, que lhe fornece uma identidade artificial preestabelecida[12].

O critério utilizado pela equipe quando da categorização foi o de hierarquizar os materiais em uma lógica que facilitasse a compreensão do usuário e consequentemente a recuperação das informações intrínsecas e extrínsecas do objeto. As categorias foram criadas quando a catalogação já havia iniciado e foram organizadas conforme tabela abaixo:

Tabela 2 - Categorias e Subcategorias para catalogação

| Categorias | Subcategorias |
|---|---|
| **Periódicos** | Revistas; Jornais; Fanzinis. |
| **Visual** | *Flyers*; Cartazes; Fotolitos; Artes; Convites; Ingressos; Cartões Vip; Cardápio; Fotografias; Slides; Comandas. |
| **Documentos** | Abaixo-assinados; Certificados, *Releases*; Contratos; Correspondências. |
| **Audiovisual** | Sem Subcategorias |

Fonte: MANUAL de Preenchimento do Inventário, 2012, n,p.

[10] FERREZ, Helena D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: IPHAN. **Estudos Museológicos**. Rio de Janeiro, 1994. (Cadernos de Ensaios 2).

[11] MENSCH, Peter van. A structured approach to museology. In: **Object, museum, Museology, an eternal triangle**. Leiden: Reinwardt Academy. Reinwardt Cahiers, 1987

[12] CÂNDIDO, Maria Inez. **Documentação Museológica**. Cadernos de Diretrizes Museológicas, Brasília: MinC/IPHAN/DEMU; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. p.43.

A equipe entendeu que esse tipo de categorização auxiliava na identificação do foco de análise do técnico de pesquisa, que poderia ser na imagem (Categoria Visual e Audiovisual), no texto (Documentos) ou em ambos (Periódicos). Nem todos os materiais pertencentes às subcategorias constantes no Manual foram inventariados, devido a questões de tempo e de direito autoral.

Outro campo de preenchimento que vale destacar é o **Tema**, criado quando da necessidade de inventariar as **Fotografias**. Em função de ser uma tipologia de extrema importância para o acervo, foi criada uma classificação específica que auxiliasse a recuperação da informação. O preenchimento desse campo deveria vir essencialmente da pesquisa do técnico que necessitava seguir a classificação abaixo, conforme Manual de Preenchimento do Inventário:

Tabela 3 - Temas para catalogação das fotografias

| Tema Primário | Tema Secundário |
|---|---|
| **Manifestações:** Fotos de manifestações sociais-políticas-culturais no espaço do Bar Ocidente ou do entorno. | |
| **Lugar:** Fotos do espaço interno e externo do Bar Ocidente **-** incluindo fotos do entorno. | |
| **Restaurante:** Fotos de refeições e de momentos na cozinha **-** incluindo o famoso Almoço do Bar Ocidente. | o Almoço do Bar Ocidente. |
| **Festas:** Fotos de festas diversas que aconteceram no espaço do Bar Ocidente. | |
| **Produções Culturais:** | o Shows - Apresentações ao vivo de bandas ou cantores;<br>o Performances - manifestação artística que combina música, teatro, vídeo, etc.;<br>o Peças de Teatro - manifestação artística encenada;<br>o Produções Cinematográficas - gravações de filmes, longas, curtas etc. Ex: *Filme Tolerância*; *O Homem que Copiava*; |

| | |
|---|---|
| | o Produções Fotográficas - books ou outras fotografias artísticas feitas no espaço do Bar Ocidente. |
| **Pessoas:** Fotografias onde só se distingue o foco em determinadas pessoas. Se essas estão claramente identificadas em uma festa ou em um show, a temática principal será essa, ficando o nome da pessoa como tema secundário; | |
| **Premiações:** Fotografias referentes a eventos de premiações ou indicações a prêmios. | |

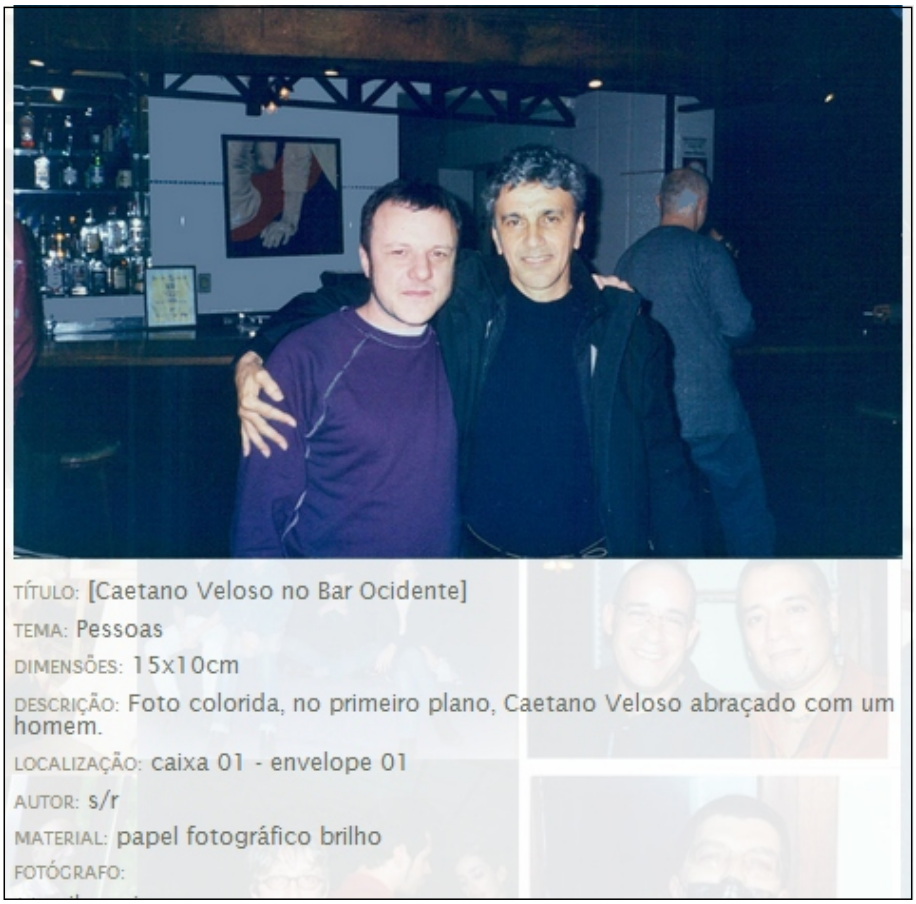
Fonte: MANUAL de Preenchimento do Inventário, 2012, n.p.

Como finalização da documentação e preparação para a digitalização do material inventariado, foi construído um fluxograma que proporciona uma visão geral da organização do acervo.

Após a documentação, o material foi digitalizado e repassado para a empresa de *web design* do projeto que transferiu as informações do inventário em *Excel* para uma base de dados criada especificamente para o Acervo. Novamente o Inventário guiou toda a etapa de construção do Acervo Digital Bar Ocidente na *web*, incluindo a escolha e uso das ferramentas de busca e interação dentro desse ambiente. A criação da identidade visual, do *layout*, das ferramentas interativas e de recuperação de informação e dos campos que seriam visíveis ao usuário (Imagens 3 e 4) foram decisões da equipe de *web design*, ficando exclusivamente a seus critérios.

Dessa forma, a falta de diálogo constante entre a equipe de pesquisa e a equipe de construção do *site* gerou certas dificuldades que mereceram atenção. Conforme as Imagens 3 e 4, percebemos que as informações que constam disponíveis no *site* não são necessariamente de interesse do usuário (tal como a localização, pois a mesma refere-se à localização do material físico, que já se encontra com o proprietário do Bar), merecendo, dessa forma, serem revistas.

Imagem 3 - Fotografia [Caetano Veloso no Bar Ocidente] disponível no *site* do Acervo Digital Bar Ocidente




Fonte: Acervo Digital Bar Ocidente, 2014.

| | Título | Tema | localização | N° de inventário | Categoria |
|---|---|---|---|---|---|
| 2 | [sala de trabalho com duas pessoas] | Pessoas | caixa 01 - envelope 01 | 00808 | visual |
| 3 | [Jimi Joe ataca de DJ 1997] | Pessoas | caixa 01 - envelope 01 | 00809 | visual |
| 4 | [Caetano Veloso no Bar Ocidente] | Pessoas | caixa 01 - envelope 01 | 00810 | visual |
| 5 | [Roberto Bomtempo no Ocidente] | Pessoas | caixa 01 - envelope 01 | 00811 | visual |
| 6 | [Roberto Bomtempo no camarim adaptado dentro do ba | Pessoas | caixa 01 - envelope 01 | 00812 | visual |

| | Subcategoria | Origem | Autor (a) | Data | Suporte/Material | Dimensões (cr | Descrição | Inventariado por |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 2 | fotografia | acervo pes: | Mathias Cran | s/r | papel fotográfico brilho | 10x7,5cm | Foto colorida. Sala de trabalho com r | Jeniffer |
| 3 | fotografia | acervo pes: | s/r | ??/??/1997 | papel fotográfico brilho | 10x7,5cm | Foto colorida. DJ careca (Jimi Joe) cc | Jeniffer |
| 4 | fotografia | acervo pes: | s/r | s/r | papel fotográfico brilho | 15x10cm | Foto colorida, no primeiro plano, Cae | Jeniffer |
| 5 | fotografia | acervo pes: | s/r | s/r | papel fotográfico brilho | 15x10cm | Foto colorida. Ator Roberto Bomtemp | Jeniffer |
| 6 | fotografia | acervo pes: | s/r | s/r | papel fotográfico brilho | | Foto colorida. Ator Roberto Bomtemp | Jeniffer |

Fonte: Inventário, 2012.

Assim, percebe-se que o trabalho interdisciplinar ocorreu até certo momento no Projeto, mas que necessitaria acontecer desde o início, para que os objetivos de cada equipe sejam claramente expostos e mensurados num âmbito macro.

## 5. Considerações finais

Esse relato buscou demonstrar que os testemunhos da trajetória do Bar Ocidente carregavam em si um imenso potencial de se tornarem acervos musealizados. Por isso, os Projetos "Ocidente: Memória Cultural de Porto Alegre" e "Acessibilidade, Direitos Culturais e Preservação do Acervo do Bar Ocidente" foram bem sucedidos em viabilizar a gestão desse acervo, tornando o Acervo Digital Bar Ocidente uma coleção visitável.

A gestão de acervos empregada teve como base a documentação museológica, que se tornou atividade chave para a incorporação dos testemunhos materiais do Bar Ocidente em um sistema informacional organizado. Os componentes de entrada: seleção e aquisição; de organização e controle: registro, número de identificação/marcação; de armazenamento/localização e de classificação/catalogação e indexação, conforme Ferrez[13], foram identificados de forma adaptada à realidade do Projeto.

Reconhecendo também os desafios impostos à equipe de pesquisa quanto à prática museográfica, percebe-se que o reconhecimento profundo da comunidade representada pelo acervo é imprescindível. A realização de pesquisa de cunho etnográfico com o grupo social representado facilitaria a formulação de critérios de seleção do acervo, assim como tornar-se-ia embrião para a criação de um bom sistema de classificação e de vocabulário controlado.

A aproximação com a área da Arquivologia[14] também merece destaque em nossas considerações finais. É uma área mais avançada e consolidada quanto à gestão e preservação do patrimônio digital que tem muito a contribuir com as discussões do campo da Museologia. Temos na documentação um espaço comum para o debate, uma vez que nossas diretrizes tem base nessa disciplina.

[13] FERREZ, idem.

[14] Um dos grandes desafios à gestão do patrimônio digital para a Museologia é a catalogação desse material, em função da dispersão conceitual gerada a partir da diversidade de padrões de registro do patrimônio cultural: "Ao ingressar no ciberespaço o documento se transforma em recurso informacional e passa a fazer parte do estoque informacional que constitui a memória virtual da web. Assim é que sua nomenclatura muda; de documento para recurso, no caso do acesso, e de documento para objeto informacional, no caso de sua representação digital. A solução de interoperabilidade dos recursos informacionais digitalizados pode ser acompanhada pelo desenvolvimento da chamada websemântica, que tenta minimizar os efeitos da dispersão conceitual durante o processo de busca informacional entre campos com afinidade de pesquisa, a partir da construção de pontes conceituais representadas pela criação de taxonomias e ontologias conceituais [ . . . ] O modelo conceitual referencial do CIDOC-ICOM-UNESCO é um projeto em desenvolvimento que usa tecnologia de ontologia de domínio orientada a objeto para o intercâmbio de dados sobre tecnologia de ontologia de domínio orientada a objeto para o intercâmbio de dados sobre patrimônio cultural. Arrola em sua estrutura hierárquica 81 classes (superclasses) interligadas a 132 propriedades." DODEBEI, Vera. Patrimônio e Memória Digital. **Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, ano 04, n. 08, 2006. p. 05. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm> Acesso em 25 mai. 2013.

Ficou claro, assim, que a primeira experiência de todos em um projeto desse âmbito gerou inúmeros outros desafios à equipe de pesquisadores em Museologia, e à equipe de *web design*, responsável pela criação do ambiente virtual. A interdisciplinaridade, que deve ser base nos nossos projetos de gestão de acervos, ocorreu até certo momento, o que levou à criação de barreiras comunicacionais no processo. As distintas equipes necessitam estar em constante diálogo, pois o trabalho de comunicação do acervo tem como sua base as etapas anteriores de reconhecimento de público, seu *ethos*, de sua trajetória, do estado de conservação dos objetos, da sua classificação, enfim, de todo o processamento técnico que leva a sua musealização.

Cabe, para finalizarmos, levantarmos questões acerca da manutenção desse espaço virtual e dos testemunhos que já se encontram disponíveis na *web*. Reconhecermos a nossa responsabilidade quanto à preservação da grande quantidade do nosso patrimônio cultural que, contemporaneamente, está sendo lançado no ciberespaço, com a conceituação de patrimônio digital é apenas o início de um movimento que cresce a cada ano. Temas como a preservação do suporte e a obsolescência dos *softwares* são apenas dois exemplos das inúmeras preocupações que merecem a atenção dos profissionais da preservação.

Portanto, este trabalho, além de relatar uma experiência em gestão de acervos no sentido de refletir sobre as ações e decisões tomadas, busca problematizar o papel da Museologia nesses novos debates, trazendo não só os desafios, mas também outros caminhos e novas olhares para o patrimônio, tendo em mente que musealizar é por si só um ato político, sendo a crise, o conflito e o diálogo com outras áreas sempre bem-vindos.